

BIOBIBLIOGRAFIA E CRÍTICA TEXTUAL

NOTAS E COMENTÁRIOS – III ¹

Maximiano de Carvalho e Silva
UFF

SUMÁRIO: 11. SOUSA DA SILVEIRA E AS SUAS EDIÇÕES CRÍTICAS E COMENTADAS DE AUTORES BRASILEIROS. / 12. FONTES PARA O ESTUDO DA VIDA E OBRA DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS. / 13. PRESENÇA CAMONIANA NA LITERATURA BRASILEIRA. / 14. GUSTAVO CORÇÃO E A SUA OBRA SINGULAR: REEDIÇÃO DE *A DESCOBERTA DO OUTRO*.

11

SOUSA DA SILVEIRA E AS SUAS EDIÇÕES CRÍTICAS E COMENTADAS DE AUTORES BRASILEIROS

Obras de Casimiro de Abreu. Apuração e revisão do texto, esboço biográfico, notas e índices por Sousa da Silveira. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1999. XXXVI + 472 p. [Reprodução fac-similar do texto da 2ª edição, de 1955, precedida de um estudo prévio de Maximiano de Carvalho e Silva com o título de “Esta reedição das *Obras de Casimiro de Abreu*”.]

Domingos José Gonçalves de Magalhães, *Suspiros Poéticos e Saudades*. 5ª edição. Brasília, Editora Universidade de Brasília / Instituto Nacional do Livro, 1986. 438 p. (Edição comemorativa dos 150 anos de publicação da obra, com prefácio de Fábio Lucas, Diretor do INL.) [6ª edição, reprodução da anterior, lançada pela editora da UnB em 1999.]

Na terceira parte do ensaio biobibliográfico a que dei o título de *Sousa da Silveira: o Homem e a Obra – Sua Contribuição à Crítica Textual no Brasil* (Rio de Janeiro, Presença, 1984), tive ocasião de tratar do pioneirismo do grande mestre das *Lições de Português* na aplicação dos princípios da Crítica

¹ Continuação da série de tópicos iniciada no número 19 desta revista.

Textual à preparação de edições críticas e comentadas de autores brasileiros, comprovado pela publicação no final da década de 30 das suas edições de *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães (em 1939) e das *Obras de Casimiro de Abreu* (em 1940). São duas edições modelares no que diz respeito aos critérios adotados na fixação do texto crítico, e enriquecidas de notas e comentários que as singularizam em relação ao que se fazia até então, e ainda hoje se podem ler com grande proveito.

Como se vê pelas indicações iniciais deste tópico, as duas mencionadas edições críticas foram reeditadas em 1986 e 1999, mas de forma desigual, e é sobre isto que falarei em seguida, por imperioso dever de fazer uma advertência aos possíveis interessados pelas mesmas.

A quarta, quinta e sexta edição dos *Suspiros Poéticos e Saudades*

A quarta edição dos *Suspiros Poéticos e Saudades*, com a data de 1939, saiu como volume II de uma projetada edição das “Obras Completas” do escritor, que não teve continuidade. Era uma das primeiras da série de publicações de textos em edições cuidadas segundo o plano idealizado pelo então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, a quem se deve a criação do Instituto Nacional do Livro, uma das peças fundamentais no processo de valorização da nossa cultura.

O filólogo, de posse das três edições da obra em vida do autor (datadas de 1836, 1859 e 1865), fez o minucioso cotejo das mesmas, concluindo que o texto definitivo era o da terceira edição, e reproduziu-o como texto de base na grafia original, nele corrigindo apenas “os evidentes erros tipográficos”, e registrou as variantes das edições anteriores em notas explicativas de rodapé, como nunca antes se fizera com tanto rigor e segurança entre nós. Concluído o trabalho, a ele se acrescentou um “prefácio literário”, elaborado pelo historiador e ensaísta Sérgio Buarque de Holanda.

A verdade é que essa edição de 1939 dos *Suspiros Poéticos e Saudades*, embora não alcançasse a merecida repercussão entre todos os estudiosos de língua portuguesa e literatura brasileira, servira desde logo, como fonte preciosa de ensinamentos, a estudiosos da vida e obra de Gonçalves de Magalhães como Alceu Amoroso Lima, Antônio Cândido, José Aderaldo Castelo, Antônio Soares Amora, Luciana Stegagno Picchio e outros. Em Portugal, o professor italiano Giacinto Manuppella, que lecionava na Universidade de Lisboa e mais tarde se transferiria para Coimbra, e se tornaria conhecido pelo valor das suas edições de textos da literatura portuguesa, percebeu a importância do registro filológico da edição, ao dizer num breve comentário: “Le annotazioni

danno larga parte allo studio comparativo della lingua di questo scrittore con quella degli scrittori contemporanei portoghesi e brasiliani”².

Em 1986, a Editora da Universidade de Brasília se associou ao Instituto Nacional do Livro para a publicação da quinta edição do livro de Gonçalves de Magalhães, num projeto comemorativo dos 150 anos da primeira edição dessa obra que é considerada o marco da introdução do Romantismo no Brasil. Na orelha do volume está dito que se tomou por base “o texto anotado por Souza [sic] da Silveira”, mas nem aí, nem em qualquer outra parte, nada se diz sobre o filólogo e o seu trabalho pioneiro. O seu próprio nome aparece grafado de duas maneiras: *Souza* (na orelha) e *Sousa*, como deve ser (no prefácio do então Diretor do INL e na nota explicativa inicial do filólogo). O prefácio diz que a reedição se faz “segundo o texto anotado por Sousa da Silveira” em 1939, e diz mais que “a única novidade desta nova reapresentação consiste no glossário que se lhe acrescenta, de autoria da professora Maria de Jesus Evangelista”. Fica-se pois na expectativa de que a seguir virão o texto e as notas de pé de página em transcrição rigorosa do que se encontra na edição de Sousa da Silveira.

Afeito ao trabalho de revisão crítica e de crítica filológica, sei há muito tempo das barbaridades e abusos cometidos por pessoas despreparadas que se encarregam de reproduzir textos alheios sem terem no entanto a noção do direito autoral de ver conservadas as suas características de forma e de conteúdo, e por isso se julgam no direito de alterá-los à vontade, adotando as soluções que lhes parecem mais cabíveis para resolver os problemas mais diversos. Ao ver reeditada a edição de Sousa da Silveira, sob a responsabilidade da Universidade de Brasília e do INL, não podia eu imaginar todavia que alguém tivesse tomado a liberdade de introduzir modificações no trabalho preparado pelo sábio e benemérito filólogo, que formou um grande número de especialistas em Crítica Textual, dando-lhes magníficos exemplos de probidade intelectual e transmitindo-lhes o seu amor aos textos e a sua preocupação de preservá-los das abusivas alterações a que são submetidas em muitas aventuras editoriais³.

² In *Os Estudos de Filologia Portuguesa de 1930 a 1949: Subsídios Bibliográficos*, Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1950, p. 176.

³ Entre os mais conhecidos e declarados discípulos ou admiradores de Sousa da Silveira que também se destacaram como autores de obras de fundamental importância figuram os professores e escritores Glástone Chaves de Melo, Sílvio Elia, Serafim da Silva Neto, Matoso Câmara Júnior, Celso Cunha, Antônio Houaiss, Othon Moacir Garcia, Rocha Lima, Jesus Belo Galvão, Cleonice Berardinelli, Emanuel Pereira Filho, Adriano da Gama Kury e numerosos outros.

Como já foi esclarecido, na fixação do texto da sua edição adotou o filólogo o critério de tomar como texto de base o da terceira edição, de 1865, de transcrevê-lo na grafia da época ou do autor, corrigindo apenas os erros tipográficos evidentes. Portanto, o texto da edição de 1939 vem em grafia antiga, do século XIX, e assim também se transcreve no registro das variantes o que aparece de diferente nas edições de 1836 e 1859. Texto crítico e notas estão em perfeita correspondência, e isto tem de ser conservado numa nova edição que se proponha a tudo fazer “segundo o texto anotado por Sousa da Silveira”, para usar as próprias palavras de Fábio Lucas.

Com pesar verifiquei, ao examinar o texto dessa quinta edição, que uma pessoa não identificada em nenhuma parte do volume tomou a seu cargo “preparar” o texto para a nova apresentação, e perpetrou dois abusos fundamentais: fez retoques de redação no texto do filólogo (como ao substituir na introdução o título “A Presente Edição” por “Nota Explicativa”, na primeira linha “A presente edição reproduz” por “Reproduz”, a forma “registro” por “registro” etc.); e atualizou a grafia dos escritos de Gonçalves de Magalhães, conservando porém na grafia antiga os textos das variantes, de tal modo que em várias passagens, se o leitor se der ao trabalho de confrontar a nota com a passagem respectiva, não vai encontrar nenhuma correspondência, e ficará sem compreender a razão da discrepância.

Uma pergunta embaraçosa não pode deixar de ser feita: terão tido os patrocinadores da quinta edição o assentimento dos detentores dos direitos autorais de Sousa da Silveira (em 1986 - as suas três filhas, hoje uma só ainda viva) para o lançamento da mesma com as “adaptações” nela introduzidas?

Vou limitar-me a uns poucos exemplos para ilustrar as minhas afirmações, mas estou certo de que com eles, e mais as outras observações pertinentes, se poderá melhor avaliar o que estou afirmando.

No texto do prefácio de Gonçalves de Magalhães que tem o título de “Lede” encontra-se a seguinte passagem, que transcrevo como está na edição de 1865: “á que Divindade se consagra o templo”. Como Sousa da Silveira no texto crítico de 1939 repete a grafia do original, assim também está lá, e por isso a nota correspondente às linhas 2-3 adverte: “É demais a crase em *a que*”, ou seja, é demais o acento indicativo de crase nesse *a*. A quinta edição, atualizando o texto crítico, substituiu *á* por *a*, mas conservou a nota, que ficou estranha, desnecessária e incompreensível para o leitor.

No segundo verso do poema número XXXIX, “Napoleão em Waterloo”, se lê na edição de 1865, e também na de 1939: “O *Metéoro* fatal ás regias

frontes!”⁴. O poeta escreveu no verso 62 do poema II: “E vagando no céu como um *metéoro*”; e em nota da sua edição o filólogo, falando na dupla prosódia da palavra (*metéoro / meteoro*), aponta a ocorrência da forma *meteoro* no verso 107 do poema XXII: “Que estragador, ardente *metéoro*”. Apesar dos esclarecimentos de Sousa da Silveira, o “preparador” da quinta edição tomou atitudes desencontradas: em II, 62, conservou *metéoro*; em XXII, 107 conservou *meteoro*; mas em XXXIX, 2, converteu *metéoro* em *meteoro*, embora a nota 2 de pé de página lá tenha ficado com a advertência do filólogo de que aí a palavra é proparoxítona!

Nesse mesmo poema “Napoleão em Waterloo”, cometem-se outros erros palmares: formas e grafias preservadas por Sousa da Silveira foram alteradas, e assim *dous* foi convertida em *dois*, *zenith* (correspondente à pronúncia proparoxítona *zenite*, de que fazia questão absoluta o filólogo, como se vê nas suas *Lições de Português*⁵) em *zênite*, *'stava* em *estava*, *tectos* em *tetos*, e assim por diante.

Outro reparo que não pode deixar de ser feito é o relativo aos descuidos de revisão tipográfica, que se percebem desde as primeiras páginas. Na página 9, por exemplo, palavras que estão em tipo normal deveriam estar em itálico, por serem exemplos citados pelo autor - “a falta de acento nas palavras *ja*, *so*, *dor*, *soa*, etc.”; em vez de “boas normas gramaticais *em vários pontos*” se lê “boas normas gramaticais *e, vários pontos*”.

Quanto ao glossário acrescentado ao volume, nota-se perfeitamente que não foi feito segundo uma técnica mais rigorosa, faltando-lhe inclusive a indicação das passagens em que ocorrem as palavras nele arroladas.

Com o que foi apresentado, tem o leitor elementos para saber que a quinta edição de *Suspiros Poéticos e Saudades* não merece fé, só podendo ser consultada com extrema cautela, tantos são os erros nela encontrados. Não é de fato a edição do poema segundo o plano estabelecido por Sousa da Silveira no ano de 1939, e que só ele teria o direito de alterar, sem dúvida alguma.

Foi por uma notícia do professor Hélder Garmes (USP), publicada no *Jornal da Tarde* de 28/11/1998, que tive informação de que a editora da Universidade de Brasília lançara a sexta edição do livro, simplesmente como nova impressão da anterior. Hélder Garmes aí faz uma boa avaliação do que repre-

⁴ Nos exemplos citados no correr deste artigo, reproduzo em itálico as palavras ou expressões a que se referem as minhas observações.

⁵ V. 9ª edição, Rio de Janeiro, Presença, 1983, p. 9 (no estudo prévio de Maximiano de Carvalho e Silva).

senta Gonçalves de Magalhães em nossa literatura, percebe o valor da edição crítica de Sousa da Silveira e do prefácio literário de Sérgio Buarque de Holanda, mas, partindo do pressuposto de que essa sexta, como também a quinta edição, reproduzem com absoluta fidelidade a que foi preparada pelo filólogo em 1939, não alerta o leitor para as reservas que deve ter em relação à reedição promovida pela Universidade de Brasília, mercada como já tive ensejo de comprovar por absurdas alterações do que consta da edição de 1939.

A nova edição das *Obras de Casimiro de Abreu*

A edição crítica das *Obras de Casimiro de Abreu* de autoria de Sousa da Silveira foi publicada pela primeira vez em 1940, para a comemoração do centenário de nascimento do Poeta, ocorrido no ano anterior. No “eskorço biográfico” que para ela escreveu o filólogo, ficou dirimida uma dúvida que perdurava até então: o ano de nascimento não era o de 1837, como afirmavam muitos biógrafos, mas seguramente 1839. A comprovação de que o autor d’*As Primaveras*, morto em 1860, só tivera 21 anos de vida ainda mais ajudou a entender a sua precocidade na feitura de composições em verso, aos 17 e não aos 19 anos de idade, entre os quais os poemas “Minha Terra”, “Canção do Exílio”, “Saudades”, “Minha Mãe”, “Meus Oito Anos” e a cena dramática *Camões e o Jau*, escrita e representada em Lisboa no ano de 1856.

Tomando como base os textos de *Camões e o Jau* na edição portuguesa de 1856 e de *As Primaveras* na edição brasileira de 1859, a que se acrescentaram outros textos avulsos, reproduziu-os o filólogo na nova ortografia da língua portuguesa, mas com a máxima preocupação de conservar as formas lexicais e construções sintáticas características da obra casimiriana. O mais importante, porém, é que o filólogo recheou a edição de riquíssimos comentários filológicos. no desejo de atingir três finalidades principais explicitadas na introdução crítico-filológica da edição: “a) Restituição do texto de Casimiro (salvo no tocante à grafia, simples roupagem da palavra) à conformidade com o publicado em vida do autor, e que as múltiplas reedições têm deturpado bastante; b) Interpretação do sentido estético e rítmico da versificação, nos pontos em que o poeta se desviou da rotina; c) Demonstração de que era inteiramente injusta a nota de escritor incorreto que mareava um tanto o renome de uma das mais belas e sólidas organizações literárias que temos tido, apesar do pouco tempo que viveu”⁶.

Através dos seus comentários de grande conhecedor de lingüística, estilística e versificação portuguesa, em extensas notas, muitas delas compa-

⁶ Cf. *Obras de Casimiro de Abreu*, 1940.

rativas, Sousa da Silveira demonstrou cabalmente que a Casimiro de Abreu não se aplicam as pechas de poeta medíocre, versejador desleixado e escritor incorreto com que absurdamente o atingiam críticos apressados e preconceituosos. Os comentários filológicos de Sousa da Silveira são de seis tipos principais: a) os referentes à fidelidade às lições textuais, buscadas nos textos fidedignos; b) os de caráter histórico-cultural, com a finalidade de propiciar o perfeito entendimento das alusões casimirianas; c) os referentes às críticas infundadas ao emprego de formas e expressões estranhas ao uso brasileiro; d) os referentes a questões gramaticais e às acusações de “escritor incorreto” de que o Poeta fora alvo; e) os referentes a problemas de métrica e rima, especialmente à versificação irregular; f) os referentes a questões de pontuação. Não há, em edições críticas e comentadas de obras de autor brasileiro, nada que seja mais rico e documentado e em muitos pontos definitivo do que tais comentários do sábio filólogo das *Lições de Português*.

Em 1955, por iniciativa da direção do Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, reeditou-se a edição de Sousa da Silveira, bastante melhorada, inclusive com o acréscimo de 11 poemas colhidos numa edição de 1884, organizada por Joaquim José de Carvalho Filho, possuidor de inéditos do Poeta.

Como consequência, a crítica especializada reconheceu que outra era a verdadeira imagem do poeta de *As Primaveras*⁷, e assim Casimiro de Abreu firmou a posição merecida entre os autores do seu tempo, sobre a qual pairavam tantas dúvidas.

Já há muitos anos era esperada uma terceira edição das suas obras poéticas. Fui encarregado pelo Diretor da Editora Itatiaia, já há vários anos, de elaborar um plano e um estudo prévio para ela, o que fiz sem demora, sugerindo que se reproduzisse em fac-símile a segunda edição dessa edição crítica, a que fora lançada em 1955 pela Casa de Rui Barbosa, e deixando bem claro que no momento oportuno gostaria de ver as provas finais do novo livro, para inclusive fazer (se fosse o caso) alguma alteração ou atualização ao meu estudo.

⁷ V. no registro bibliográfico do meu livro *Sousa da Silveira: o Homem e a Obra / Sua Contribuição à Crítica Textual no Brasil* (Rio de Janeiro, Presença, 1984), sobre o trabalho de revalorização casimiriana empreendido pelo filólogo, os impressionantes juízos críticos expendidos por Afrânio Peixoto, Alceu Amoroso Lima, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Alphonsus de Guimaraens Filho, Péricles Eugênio da Silva Ramos, João Alphonsus, Rubem Braga, Serafim da Silva Neto, Gládstone Chaves de Melo, Paiva Boléo, Rocha Lima, Aurélio Buarque de Holanda, Álvaro Lins, Matoso Câmara Jr., Antônio Cândido, Edgar Cavalheiro, Antônio Houaiss, Celso Cunha, Emanuel de Moraes, Celso Pedro Luft, Sílvio Elia, Jesus Belo Galvão, Antônio Soares Amora, Raimundo Magalhães Júnior, Jamil Almansur Haddad, Hermes Lima, Nogueira da Silva, Fernando Góis, Tulo Hostílio Montenegro, Waltensir Dutra, Américo Jacobina Lacombe, Barbosa Lima Sobrinho, João Pacheco, Laurita Pessoa Raja Gabaglia.

Os anos correram, e o editor não me deu mais notícias do seu projeto. Tive há poucos meses a surpresa de verificar que a Itatiaia publicara essa terceira edição, sem a indispensável autorização final, com dados do meu estudo que deveriam ter sido atualizados nas provas finais, uma capa de mau gosto estético, em que o nome do filólogo está alterado (*Souza* em vez de *Sousa*, embora esta última seja a grafia constante da nota biográfica de minha autoria). Os meus direitos de organizador do plano e do estudo prévio da edição foram ignorados, e não seria de estranhar que também o fossem os direitos dos herdeiros de Sousa da Silveira. De qualquer maneira, tenho a satisfação de verificar que a minha sugestão de reproduzir em fac-símile o texto da segunda edição de 1955 foi acatada, o que é uma garantia ao leitor de ter diante dos olhos o que foi preparado e cuidadosamente revisto pelo próprio filólogo.

No estudo prévio que intitulei “Esta reedição das *Obras de Casimiro de Abreu*”, ao apontar por um lado os grandes méritos da edição de Sousa da Silveira (como o de apresentar textos fidedignos e comentários filológicos de suma importância) e por outro as suas falhas e deficiências, segundo as pesquisas que tenho realizado e as exigências da ciência filológica nos dias atuais, procuro demonstrar que não está concluído o trabalho da Crítica Textual em relação a Casimiro de Abreu. Todavia, senti-me no dever de acentuar que, para o julgamento isento e lúcido do valor da contribuição de Sousa da Silveira aos estudos casimirianos, devem ser postos em realce principalmente as extraordinárias qualidades do que realizou em condições tão precárias e o pioneirismo da sua atuação de editor crítico de autores brasileiros.

12

FONTES PARA O ESTUDO DA VIDA E OBRA DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS

Alphonsus de Guimaraens Filho. *Alphonsus de Guimaraens no Seu Ambiente*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 1995. 427 p.

Alphonsus de Guimaraens. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2001. 652 p. [Edição organizada por Alphonsus de Guimaraens Filho, com a colaboração de Alexei Bueno e Afonso Henriques Neto.]

O meu conhecimento inicial da vida e obra de Alphonsus de Guimaraens data dos primeiros anos da década de 40, em que fui aluno de uma das últimas turmas do curso secundário em cinco anos (ou curso ginásial, como então se

dizia)⁸. Naqueles distantes anos, nos programas das matérias obrigatórias de língua portuguesa e línguas estrangeiras – latim, francês e inglês – estavam incluídas noções das literaturas respectivas, o que nos permitiu concluir o curso secundário com pelo menos algumas idéias sobre a vida e obra das maiores figuras das literaturas brasileira, portuguesa, latina, francesa e inglesa. Os textos dos autores principais eram lidos nas antologias respectivas. Das aulas de francês, por exemplo, gravei na memória pelo menos três poemas do poeta simbolista Paul Verlaine, que tão grande influência exerceu em nossa literatura, e as observações críticas e comparativas que nos fez a nossa inesquecível professora Débora Lago de Toledo Fonseca, das quais me valeria pouco mais adiante, ao saber da existência dos dois maiores simbolistas brasileiros – Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens. Foi por esse tempo que de leitor atento das lições dos livros didáticos de todas as matérias passei a ser leitor por conta própria de obras literárias, com um interesse cada vez maior, graças a vários estímulos.

Um dos compêndios que li com maior encanto foi a *Pequena História da Literatura Brasileira*, de Ronald de Carvalho, cuja primeira edição tem a data de 1919. No capítulo final dessa edição, o autor trata com imprecisão e muitas deficiências do movimento simbolista, e embora reconheça o valor da poesia de Cruz e Sousa, não faz a mínima referência a Alphonsus, que então vivia no seu retiro de Mariana, onde o foi visitar Mário de Andrade, com a sua impressionante capacidade de descobrir tesouros escondidos. Na edição definitiva da obra de Ronald de Carvalho, a quinta, de 1935, com o texto revisto e aumentado, ampliaram-se as referências a uns poucos poetas simbolistas, mas Alphonsus é apenas citado, sem nenhum comentário, o que é prova de que Ronald, falecido em 1935, de fato não tomara conhecimento da sua obra poética.

O que iniciou o processo de divulgação mais ampla da obra de Alphonsus, em âmbito nacional, foi a primorosa edição das *Poesias* dirigida e revista por Manuel Bandeira, com importante notícia biográfica e notas de João Alphonsus, filho do simbolista mineiro. A revelação da existência do poeta extraordinário, cuja vida no entanto era desconhecida do grande público, despertaria daí por diante o desejo de aprofundar os estudos a ele referentes, quer os de caráter biobibliográfico, quer os de análise da sua produção literária em prosa e em verso.

Todavia, o meu primeiro encontro com a poesia de Alphonsus só se deu em 1942. No ginásio de que eu era aluno havia um grêmio literário que pro-

⁸ Depois das turmas formadas em 1942, a reforma de ensino patrocinada pelo Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, instituiu a obrigatoriedade de ensino médio de 7 anos, dividido em duas etapas: o ginásio de quatro anos e o colégio de três anos.

movia palestras dos nossos professores. Foi um deles, professor de História e sobrinho do grande poeta Raimundo Correia, o professor Raimundo Correia Sobrinho, que nos apresentou a figura e poemas escolhidos do poeta de Mariana, e nos fez ouvir pela primeira vez, muito bem declamados, os poemas “Ismália” e “A Catedral”. Foi uma revelação surpreendente, que muito tocou a sensibilidade dos participantes daquela sessão inesquecível da nossa agremiação.

Nesse mesmo ano de 1942, o jornal *A Manhã*, que mantinha um suplemento literário intitulado *Autores & Livros*, sob a direção de Múcio Leão, dedicou dois números seguidos a Alphonsus de Guimaraens (ano II, vol. 3, números 13 e 14, de 1 e 8/11/1942), organizados por João Alphonsus e Alphonsus de Guimaraens Filho, neles incluindo muito textos inéditos do poeta. Li avidamente esses números de *Autores & Livros*, anotei-os de ponta a ponta, o que é uma prova de quanto me tocaram nos meus 16 anos de idade as produções poéticas do grande simbolista mineiro.

Já se disse que a primeira notícia biográfica mais fiel que dele se teve foi dada pelo próprio filho na edição de 1938. Com o passar dos anos, outras biografias e estudos críticos vieram a público, estando muitos deles arrolados nas bibliografias até agora conhecidas. Entre tais trabalhos mencionem-se os de Henriqueta Lisboa (*Alphonsus de Guimaraens*, 1945), de Enrique de Resende (*Retrato de Alphonsus de Guimaraens*, 1954), e o mais recente, de Alphonsus de Guimaraens Filho (*Alphonsus de Guimaraens no Seu Ambiente*, 1995), num livro realmente “indispensável para quantos desejarem contato mais próximo com o universo poético” do poeta de Mariana.

Muitos anos depois da edição de 1938, Alphonsus de Guimaraens Filho, de posse de novos elementos para um trabalho mais amplo, organizou e publicou em 1955 a segunda edição das *Poesias*, em dois volumes, pela editora Organização Simões. Aí se reproduz a notícia biográfica de João Alphonsus e as notas são em maior número. A edição está acrescida de bibliografia e apontamentos biobibliográficos relativos a Alphonsus, e de uma bibliografia organizada por Hélio Gravatá.

Em 1958, a coleção “Nossos Clássicos”, da Livraria Agir Editora, lançava o seu volume 19: *Alphonsus de Guimaraens, “Poesia”*, por Glástone Chaves de Melo, com o texto crítico estabelecido e comentários filológicos, e mais dados biográficos, apresentação, bibliografia do autor e sobre o autor, julgamento crítico e questionário. Glástone já era, desde a reedição dos textos de Alphonsus, um estudioso da sua vida e obra, e no campo da Estilística um fino analista dos recursos de expressão de que se valera o poeta em tantas composições memoráveis.

Os textos em prosa e em verso de Alphonsus foram reunidos em 1960, como volume da coleção “Biblioteca Luso-Brasileira” da editora José Aguilar: *Obra Completa*, organização e preparo do texto por Alphonsus de Guimaraens Filho, trazendo na introdução geral a mesma nota biográfica de João Alphonsus, e mais o excelente estudo a que Eduardo Portela deu o título de “O Universo Poético de Alphonsus de Guimaraens”.

Em 1972, a editora Aguilar lançou a mais completa antologia da poesia de Alphonsus, com o título *Cantos de Amor, Salmos de Prece (Poemas Escolhidos)*, também organizada pelo poeta-filólogo Alphonsus de Guimaraens Filho; sempre movido por uma ardente devoção ao seu ilustre pai e pela preocupação de cuidar da reprodução fidedigna dos seus textos.

São impressionantes os pronunciamentos de inúmeros ilustres escritores, de historiadores da literatura, de ensaístas e críticos literários sobre o altíssimo significado de Alphonsus, vários deles transcritos nas edições da sua obra acima mencionadas. Assim sendo, pela importância de que se reveste essa extraordinária figura das nossas letras, natural é que se tenha recebido com a mais pura alegria a publicação em 1995 do ensaio biográfico e crítico que Alphonsus de Guimaraens Filho lhe dedicou, a cujo lançamento promovido pela Fundação Biblioteca Nacional, sob a presidência de Affonso Romano de Sant’Anna, fiz questão de comparecer, e agora em 2001 da nova reedição da sua *Obra Poetica* promovida pela editora Nova Fronteira. Dessa reedição cuidaram com carinho e competência três poetas que, como Manuel Bandeira, também compreendem o valor do trabalho filológico de procurar preservar as formas autênticas dos textos: Alphonsus de Guimaraens Filho e os seus colaboradores Alexei Bueno e Afonso Henriques Neto. Louvem-se pois tais empreendimentos editoriais, que se colocam em posição de relevo na luta pela preservação da memória literária nacional.

13

PRESENÇA CAMONIANA NA LITERATURA BRASILEIRA

Gilberto Mendonça Teles, *Camões e a Poesia Brasileira e o Mito Camoniano na Língua Portuguesa*. 4ª edição, revista e aumentada. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001. 487 p.

Ao ver reeditada essa obra de fundamental importância e significação, elaborada por um professor, pesquisador, ensaísta e poeta dos mais conceituados no Brasil, em Portugal e em outros países, não posso furtar-me ao desejo de expender algumas considerações sobre o que ela vem acrescentando ao desenvolvimento dos estudos camonianos.

Data de muitos anos - dos tempos de aluno do curso secundário - o meu interesse pela vida e obra de Luís de Camões. Se nas aulas do ginásio e com o apoio da leitura de livros da biblioteca de meu pai pude conhecer os primeiros dados da biografia do Poeta, saber da sua extraordinária importância e ler algumas das suas páginas mais conhecidas, da épica e da lírica, foi no entanto no curso de Letras da Faculdade Nacional de Filosofia, pelas lições do catedrático de Literatura Portuguesa, o saudoso Professor Thiers Martins Moreira, que a obra poética de Camões se avultou diante de mim, e compreendi a necessidade de lê-la com mais cuidado, em edições comentadas, para mais seguramente assenhorear-me do significado das suas alusões históricas, geográficas, religiosas e mitológicas. Com o Professor Sousa da Silveira, catedrático de Língua Portuguesa, aprendi a valorizar a edição de "*Os Lusíadas*" Comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias, e, alertado para as diferenças entre a primeira edição de 1910 e a segunda de 1916-1918 desse monumental trabalho de exegese do texto camoniano, consegui com dificuldade adquiri-las em sebos (antiquários) para meu uso pessoal.

Anos mais tarde, já na década de 60, sendo professor de turmas mais adiantadas do curso secundário, como as do Curso Clássico no Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia, tive de cumprir programas em que o ensino da língua se fazia acompanhar de noções das literaturas brasileira e portuguesa. Tratando de autores portugueses, procurei demonstrar aos meus alunos que figuras como Gil Vicente, Camões, Vieira, Camilo, Eça de Queirós e vários outros são presenças vivas em nossa literatura, pela influência que exerceram na formação dos melhores autores brasileiros, dos mais antigos aos contemporâneos. Sempre dispensei grande atenção às mais belas passagens de *Os Lusíadas* e às peças mais conhecidas da lírica camoniana, como os seus sonetos, para pôr em evidência que em textos de autores brasileiros, desde Bento Teixeira, autor da *Prosopopéia* (1601), até poetas da fase do Modernismo brasileiro (como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima e outros), as marcas dessa presença camoniana se reconhecem sem maior dificuldade.

Na década de 70 começou a propagar-se a idéia de que para a boa formação dos estudantes brasileiros não era necessário o estudo da literatura portuguesa. Data da mesma época o sentimento de aversão aos estudos históricos, quer em relação à língua, quer em relação à literatura, que marca um triste período na vida das instituições universitárias, ainda com repercussões nos dias atuais.

Todavia, em 1972 tive a honra de ser incluído como membro da comissão encarregada pelo governo brasileiro de promover a comemoração do quarto

centenário da publicação de *Os Lusíadas*⁹. Nessa condição, achei que devia dar uma contribuição efetiva para o incremento dos estudos camonianos, o que me fez autor de várias propostas aprovadas e sem demora postas em execução pela comissão de que fazia parte.

Uma dessas propostas era a de se reeditarem a mencionada edição crítica de *Os Lusíadas* de autoria de Epifânio Dias, como homenagem aos grandes camonistas portugueses do passado, e os estudos de camonistas brasileiros já falecidos¹⁰. Outra proposta foi a de se instituir um concurso, em dois níveis – para pesquisadores e para estudantes universitários – sobre o tema “Camões e a Literatura Brasileira”. Dos concorrentes, foram premiados: na categoria dos pesquisadores, em 1º lugar, Gilberto Mendonça Teles, com o trabalho intitulado *Camões e a Poesia Brasileira*, e em 2º lugar, Hamilton Elia, com *Camões e a Literatura Brasileira*; e na categoria dos alunos, Jayro José Xavier, com *Camões e Manuel Bandeira*.

No ano seguinte, obtive por iniciativa pessoal substanciais recursos financeiros do Departamento de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura, chefiado pelo Dr. Renato Soeiro, para a realização de um Programa Especial a ser realizado na Universidade Federal Fluminense e na Fundação Casa de Rui Barbosa, o qual incluía dois congressos internacionais – o Congresso Internacional de Filologia Portuguesa e a II Reunião Internacional de Camonistas – e o lançamento de várias publicações. Estando prevista no Programa uma série de publicações, preparei e prefaciei para editoração e lançamento por ocasião da II RIC, em novembro de 1973, em entendimentos com os autores, os originais dos trabalhos premiados no concurso do ano anterior, e mais dois outros livros: *Estudos Camonianos*, de Cleonice Berardinelli, e *Crítica Filológica e Compreensão Poética*, de José G. Herculano de Carvalho¹¹.

Quando solicitei a Gilberto Mendonça Teles que tomasse a seu cargo a publicação do ensaio premiado sobre a extensa e profunda influência camoniana na poesia brasileira, autorizei-o a ampliá-lo de acordo com o seu desejo. Com surpresa, verifiquei que em poucos meses, e certamente como resultado de

⁹ Constituíram a Comissão, como representantes de várias instituições, Artur César Ferreira Reis (Presidente do Conselho Federal de Cultura), Pedro Calmon, Glástone Chaves de Melo, Renato Soeiro, Max Justo Guedes, Fernando Simas Magalhães, Jannice de Mello Montemor, Antônio Rodrigues Tavares, Maria Alice Barroso, Austregésilo de Ataíde, Sílvio Elia, Américo Jacobina Lacombe, Antônio Joaquim de Figueredo e Maximiano de Carvalho e Silva.

² Foram publicados estes volumes nos anos de 1972 e 1973, respectivamente.

³ Desses importantes *Estudos Camonianos* de Cleonice Berardinelli saiu há pouco uma nova edição, revista e ampliada (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000), mas inexplicavelmente com omissões e inexatidões no Prefácio ao se referir à origem do trabalho, e sem transcrever a minha “Nota Prévia” da edição anterior, que faz parte da história do livro.

novas e acuradas pesquisas, e cuidando ele próprio dos entendimentos com a Gráfica Olímpica, triplicou o trabalho, afinal editado num volume de 264 páginas. O autor explica em nota à primeira edição que só apresentara para o concurso, nos limites estabelecidos pelo edital de inscrição, uma parte da pesquisa que empreendera anteriormente com diversas finalidades.

Publicado o livro, tive a satisfação de ver que com ele se oferecia aos estudiosos da influência camoniana no Brasil a mais cabal comprovação da sua extensão e significado, tornando-se assim patente que só o conhecimento da obra camoniana habilita o leitor de numerosos autores nossos a entender as suas alusões claras ou nebulosas a passagens da épica e da lírica do grande Poeta que lhes ficaram na memória por efeito da leitura atenta das mesmas.

As três primeiras edições do livro são as seguintes: 1ª edição - Rio de Janeiro, MEC/DAC – Programa Especial UFF-FCRB, 1973, com nota prévia de Maximiano de Carvalho e Silva, Presidente da Comissão Diretora do Programa, 264 p.; 2ª edição - São Paulo, Quíron, 1976, XVIII+318 p.; 3ª edição - Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979, XVIII+340 p. De edição para edição, várias modificações e acréscimos se fizeram, graças aos esforços para ampliar as pesquisas e inclusive às espontâneas colaborações que o autor recebeu, como ele mesmo indica.

Afirma Gilberto Mendonça Teles em nota à segunda edição, reproduzida na quarta, que esperava uma divulgação mais ampla do seu trabalho, pois o volume editado pelo Programa Especial UFF-FCRB só fora remetido gratuitamente a bibliotecas e a “um número reduzido de pessoas”. Como estou ligado à história do livro, devo dizer, todavia, que essa observação é inexata: a primeira edição, de 3.000 exemplares, foi larga e gratuitamente distribuída a pesquisadores e a bibliotecas de instituições culturais, no Brasil e em Portugal. Eu mesmo, em Lisboa, de maio a julho de 1974, detentor de uma bolsa de estudos que me fora concedida pelo Instituto de Alta Cultura, enviei com o auxílio das preciosas indicações do Adido Cultural da Embaixada do Brasil, Professor Gladstone Chaves de Melo, a pesquisadores em todo o país e a várias bibliotecas, os 200 exemplares que a meu pedido a direção da Fundação Casa de Rui Barbosa fizera chegar às nossas mãos.

Aos interessados em conhecer e adquirir o livro *Camões e a Poesia Brasileira*, indispensável por muitas razões aos estudos comparativos das literaturas de língua portuguesa, devo informar que ele se compõe das seguintes partes: as notas iniciais sobre as edições anteriores; a parte nuclear em cinco longas divisões (I – Pressupostos teóricos, II – O sistema camoniano, III – O sistema lingüístico, IV – O sistema brasileiro, V – O mito camoniano); conclusão; recepção crítica da obra; bibliografia geral; índice onomástico. De

fato, prepara-nos convenientemente o autor para a leitura e entendimento do desenvolvimento que deu ao tema central, com as noções preliminares expostas em linguagem clara e segura. É impressionante o levantamento de fontes para o estudo da repercussão da obra camoniana não só no Brasil como também na tradição culta e popular portuguesa, no português africano e na Galiza. Merecem igualmente atenção especial as suas notas e explicações sobre “As marcas da censura” (p. 403-417) na edição de textos camonianos ou no ensino de língua portuguesa com o mau aproveitamento dos mesmos, responsável pela ojeriza ao Poeta por parte de escritores nossos que na idade escolar foram vítimas da obsessão de se tomar o texto de *Os Lusíadas* como objeto da então chamada “análise lógica”.

Instigado pela riqueza dos dados reunidos e estudados em *Camões e a Poesia Brasileira*, várias observações críticas poderia eu fazer com o objetivo de contribuir para o enriquecimento do livro em suas futuras edições. Por hoje, todavia, na viva satisfação de vê-lo reeditado, limito-me a este registro caloroso de quem há muitos anos acompanha a trajetória do poeta e pesquisador Gilberto Mendonça Teles, já com tantos relevantes serviços prestados à causa da valorização da cultura luso-brasileira.

14

GUSTAVO CORÇÃO E A SUA OBRA SINGULAR: REEDIÇÃO DE *A DESCOBERTA DO OUTRO*

Gustavo Corção, *A Descoberta do Outro*. 10ª edição, Rio de Janeiro, Agir, 2000. 199 p.

A reedição deste livro de Gustavo Corção (Rio de Janeiro, *1896 - †1978) põe de novo ao alcance do público uma obra publicada pela primeira vez em 1944, que o juízo crítico de grandes figuras da vida literária brasileira consagrou como das mais importantes e expressivas em nossa literatura.

A 10ª edição de *A Descoberta do Outro* traz nas orelhas um retrato e síntese biográfica do autor, pela qual o leitor é informado de que, engenheiro diplomado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Gustavo Corção só iniciou a sua trajetória de escritor muitos anos depois, já convertido em 1939 ao catolicismo; e que paralelamente à sua atuação de escritor, continuou a exercer o magistério de eletrônica aplicada às comunicações na Escola Técnica do Exército, na Escola Nacional de Engenharia, na Companhia Telefônica Brasileira. No campo de atividades técnicas, muito se destacou, sendo autor dos seguintes inventos: um órgão musical eletrônico; dispositivos especiais para

repetidores telefônicos; um sistema de telegrafia Multiplex, com frequências combinadas. A conversão religiosa despertou nele o desejo de aprofundar os seus conhecimentos filosóficos e teológicos, sob a influência de grandes nomes, como - para citar apenas dois exemplos - o escritor inglês Chesterton e o filósofo francês Jacques Maritain, sobre os quais há um belo capítulo em *A Descoberta do Outro*.

A respeito desse acontecimento literário logo se manifestou o jornalista Luiz Paulo Horta, em matéria publicada no suplemento *Prosa & Verso* do jornal *O Globo*, a 13 de janeiro de 2001, com o título “A descoberta de Corção: livro claro e límpido como uma manhã na serra – Clássico de pensador católico sobre sua conversão é reeditado pela Agir”. Assinalando que o livro reaparece “30 anos depois da edição anterior (a nona)”, sintetiza o jornalista: “O veio oculto do livro é a história de como um ser humano, através da dor, é levado a despir-se de várias ilusões, a quebrar o que os orientais chamam de ‘o casulo do ego’ e descobrir, através do Outro, a própria realidade”.

No mesmo dia 13 de janeiro, no suplemento *Idéias do Jornal do Brasil*, o jornalista Marcos de Castro tratava numa página inteira do mesmo acontecimento, com o título “Literatura Brasileira – O Outro Bruxo do Cosme Velho – Livro de estréia do polêmico Gustavo Corção é relançado 33 anos depois da última edição”, reconhecendo logo de início que Corção “é um autor brasileiro que merece figurar não apenas ao lado de Machado de Assis na estante, mas precisamente ao lado de duas obras-primas do bruxo do Cosme Velho”: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*.

De 1944 ao final dos anos 60, o livro de Corção mereceu a atenção de numerosos leitores, em Portugal inclusive, com as nove edições sob a chance-la da Agir editora. Estranhável, portanto, é que só agora a mesma editora tenha tomado a iniciativa de relançá-lo, sem nenhuma explicação no volume novo, que tem na folha de rosto a nota de “10ª edição, revista”. Como explicar o fato, sem inseri-lo numa espécie de conspiração de silêncio em que se envolveu a obra do escritor, por motivos extraliterários, como se verá mais adiante? Dessa conspiração é exemplo eloqüente a *História Concisa da Literatura Brasileira* de Alfredo Bosi, que no capítulo dedicado à literatura contemporânea não tem nem mesmo uma simples citação do nome de Gustavo Corção.

Os livros de estréia do escritor

Tive a felicidade de, já no ano de 1947, como aluno do Curso de Letras Neolatinas da Faculdade Nacional de Filosofia, e diretor da revista *FNF*, órgão do Diretório Acadêmico, saber da existência de Gustavo Corção. Tendo solicitado a colaboração de um artigo ao professor Gládstone Chaves de Melo,

então assistente da cadeira de Língua Portuguesa, dele recebi sem demora o texto intitulado “Gustavo Corção e a Sua Obra Singular”, em que tratava dos livros de estréia desse novo escritor de raros méritos, que aos 50 anos de idade despontava como um vigoroso pensador e artista da palavra com *A Descoberta do Outro* e *Três Alqueires e Uma Vaca*, ensaio de interpretação do pensamento do escritor inglês Chesterton. O artigo de Gladstone Chaves de Melo se detém numa análise minuciosa do conteúdo dos dois livros, e diz a certa altura, em relação ao primeiro deles: “Neste obra marcante se casa a profundidade do pensamento, a acuidade das análises, o inédito da visão, com um estilo magnífico e personalíssimo. A língua adquire, trabalhada por Gustavo Corção, extraordinário poder plástico e se dobra e se desdobra e apresenta matizes novos e revela virtualidades desconhecidas, sempre lépida, sempre leve, sempre colorida, sempre vivaz, desenvolta e nobre”¹².

Em *A Descoberta do Outro* encantou-me desde logo, como a muitos outros leitores, entre os quais professores, pensadores, ensaístas, críticos literários, a leitura do relato da conversão de Corção, de simples engenheiro e técnico em eletrônica, todo voltado para os problemas da profissão, em uma pessoa profundamente tocada pelo sentimento religioso, que por isso passara a preocupar-se fundamentalmente com o destino do homem e a situação política e social do mundo em que vivia. Escritos em linguagem que o colocava à altura dos mestres da língua, os artigos e livros de Corção eram então recebidos com interesse e entusiasmo no meio literário, e alcançaram os maiores louvores da crítica especializada. Convertido ao catolicismo, frequentador do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro, e alçado ao posto de redator da revista *A Ordem*, do Centro Dom Vital sob a presidência de Alceu Amoroso Lima, Corção daí por diante enveredaria incansável e obstinadamente pela sua caminhada de difusor das grandes idéias do humanismo cristão, patentes nas páginas de livros de ensaios que publicaria mais tarde, como *As Fronteiras da Técnica* ou *O Desconcerto do Mundo*, ou nas do romance *Lições de Abismo*, logo distinguido com um dos mais importantes prêmios literários do momento. Entre os seus grandes admiradores se situavam não somente os leitores ligados ao pensamento católico, mas até mesmo agnósticos ou ateus que perceberam a densidade e profundidade do que escrevia, inclusive nos artigos de colaboração aos grandes jornais da época, a partir do *Diário de Notícias* dirigido por Orlando Dantas. Num assomo de entusiasmo, Oswald de Andrade, após a leitura de *Lições de Abismo*, chegou a dizer em crônica que depois de Machado de Assis nada de melhor havia em nossa literatura¹³.

¹² V. “Gustavo Corção e Sua Obra Singular”, in *FNF*, publicação do Diretória Acadêmico da Faculdade Nacional de Filosofia, ano V, n. 9, setembro de 1947, p. 9-13.

¹³ V. mais adiante a indicação mais precisa de onde se encontra essa referência de Oswald de Andrade.

Manuel Bandeira afirmaria que o livro *O Desconcerto do Mundo* precisava ser traduzido para várias línguas, de tal modo que os leitores estrangeiros pudessem sentir que no Brasil havia um escritor à altura de receber o Prêmio Nobel de literatura ¹⁴.

Não se cingindo a temas de filosofia, da vida religiosa e do catolicismo, em vários outros campos expandiu Gustavo Corção a sua extraordinária capacidade de fazer reflexões críticas sobre a língua portuguesa e os principais autores das literaturas portuguesa e brasileira. Merecem leitura atenta as páginas que escreveu sobre a lírica de Camões, os romances e crônicas de Machado de Assis, a poesia de Fernando Pessoa e de poetas brasileiros contemporâneos como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. São também antológicas as suas reflexões sobre a linguagem humana e a língua portuguesa, como as que se lêem nos artigos “A linguagem não é uma geometria”, “O valor da palavra” e “A educação da linguagem” ¹⁵. Infelizmente, tais páginas não foram reunidas em livros, estando dispersas nos jornais e revistas em que colaborou o escritor.

Por todas estas razões, como professor de língua portuguesa do ensino secundário (até 1970) e do ensino superior (até 1989), sempre recomendei aos meus alunos a leitura das melhores páginas de Gustavo Corção, e em particular a do romance *Lições de Abismo*. Tive como diretriz pedagógica que uma das melhores maneiras de aprender a utilizar os recursos da língua, e de escrever com propriedade, clareza e elegância, é ler com a devida atenção os bons autores. São eles os “clássicos” no melhor sentido da palavra, eternos modelos da boa linguagem, desde os mais antigos – por exemplo, Fernão Lopes, que pelo vigor da sua narrativa mereceu referências entusiásticas de Rubem Braga, numa das suas melhores crônicas - até os contemporâneos. Infelizmente, tanto no nosso ensino secundário como no ensino superior, não se cultiva na exata medida o hábito da leitura das obras-primas literárias, com graves prejuízos para o aprendizado da língua. *Lições de Abismo* de Gustavo Corção foi um livro que recomendei aos meus alunos do Curso Clássico do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia, naqueles terríveis anos do início da década de 60 em que graves divergências ideológicas e políticas punham os intelectuais brasileiros em trincheiras opostas. Tenho provas de que vários entre esses alunos, muito politizados, e ligados ao pensamento da esquerda radical, apesar de repelirem as idéias políticas de Corção, expressas nos seus artigos de jornal, leram com o maior interesse, proveito e até mesmo

¹⁴ A carta em que Manuel Bandeira diz a Gustavo Corção estas palavras faz parte do acervo do Arquivo-Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹⁵ V. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, números de 3/4/1960, 10/6 e 24/6/1962, respectivamente.

viva satisfação o “romance” *Lições de Abismo* e algumas páginas antológicas do escritor, como o capítulo de *A Descoberta do Outro* intitulado “Afonso tinha razão”. Na ocasião, procurei transmitir a esses alunos o que ouvira de Alceu Amoroso Lima nas aulas de Literatura Brasileira do Curso de Letras da FNF: convicções ideológicas, políticas e religiosas próprias não podem interferir na avaliação do valor da obra literária em si mesma.

Por essa época, Corção ainda era muito lido, mesmo pelos adversários, pois além de livros publicava os seus artigos de assuntos filosóficos, religiosos, políticos e culturais, muitos deles de tom polêmico, em revistas e jornais de larga circulação em todo o país.

A conspiração de silêncio que envolveu o escritor

Falando de Corção, é imperioso rememorar os fatos históricos que explicam uma certa conspiração de silêncio que envolveu o seu nome nas últimas décadas do século XX, em vários setores da Igreja Católica, entre intelectuais e no meio universitário. Tudo teve origem na cisão que dividiu os católicos nos anos iniciais da década de 60, atingindo o Centro Dom Vital. As propostas de renovação da Igreja, bem entendidas ou mal entendidas, acabaram por deixar em situações antagônicas não só bispos, sacerdotes e religiosas como também os leigos, entre eles os líderes do laicato católico. Corção assumiu posições radicais que o afastaram cada vez mais de antigos companheiros de jornada, como Alceu Amoroso Lima. A confusão aumentou com a mudança da situação política do país em razão do contragolpe que instituiu o regime ditatorial da chamada Revolução de 31 de março de 1964. O escritor, que não perdia ocasião de manifestar profunda aversão aos regimes totalitários de qualquer natureza (Fascismo, Nazismo, Comunismo) e a expressões de nacionalismo exacerbado (como o Integralismo no Brasil), assumiu desde logo posições extremas na defesa da ditadura militar dos governos pós-64, assim procedendo na crença de cumprir um dever de consciência: julgava ele que, vencida a ameaça do nazi-fascismo, um perigo maior ainda permanecia, o da dominação comunista no mundo, e por isso, com toda a veemência e em tom polêmico e contundente, passou a fazer os seus pronunciamentos públicos, despertando por parte dos adversários das suas idéias, como é compreensível, mais do que uma simples repulsa e muitos equívocos no julgamento do que fazia. Foi desde então visto e apontado por esses adversários como um defensor dos desmandos do regime militar, um oponente aos ideais de vida democrática ou um defensor dos privilégios das classes mais favorecidas. Embora o conhecimento da sua maneira de ser e da sua vida de devotado servidor do bem comum e mais a leitura meditada do que escreveu em *A Descoberta do Outro*, *Três Alqueires e Uma Vaca*, *Lições de Abismo*, *Fronteiras da Técnica*, *O Concerto do Mundo* e em numerosos artigos não autorizem tais conclusões,

elas se infiltraram no pensamento de leitores que discordaram das manifestações mais rudes do seu radicalismo. Foi assim que o escritor humanista, católico na linha do tomismo, e o ativista político e religioso, apaixonadamente a serviço do que imaginava ser a sua missão, foram englobados num só julgamento condenatório da parte dos seus oponentes, que a ele passaram a negar um lugar ao sol. Começou aí a conspiração de silêncio que mobilizou na surdina muitos dos seus adversários, e até mesmo excluiu o seu nome de simples referências em importantes histórias da nossa vida cultural e literária.

É verdade que, após a morte de Corção, ocorrida em 6/7/1978, várias vezes se fizeram ouvir e vários pronunciamentos se registraram para acentuar o seu valor e a relevância da obra que nos legou. Dedicou-lhe uma sessão especial o Conselho Federal de Cultura, de que Corção fazia parte, onde conquistou desde logo a estima e admiração de seus pares. Nessa ocasião, todos os conselheiros presentes fizeram questão de falar – Josué Montelo, Dom Marcos Barbosa, Pedro Calmon, Geraldo Bezerra de Menezes, Francisco de Assis Barbosa, Raimundo Moniz de Aragão, Djacir Menezes, Odilo Costa Filho, Viana Moog, José Cândido de Carvalho. Foi particularmente expressivo o depoimento de Francisco de Assis Barbosa, grande admirador do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, e que por isso nunca aceitou os duros ataques de Corção ao político e ao promotor da construção de Brasília nas circunstâncias em que foi realizada: fez até mesmo questão de ressaltar “a grandeza humana de Gustavo Corção, um homem inteiriço”, com quem conseguira conviver tão bem naqueles anos do Conselho, apesar das divergências que os separavam¹⁶. Também em 1978, nas páginas de jornais e revistas, muitos artigos de alto louvor se publicaram para lamentar a morte do escritor. Num opúsculo que organizou, o monge beneditino Dom Marcos Barbosa, testemunha dos muitos episódios que dividiram os católicos a partir da década de 60, reuniu os depoimentos dele próprio e mais os de Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima), José Luís Delgado, Francisco Barbosa de Resende e Rachel de Queiroz¹⁷. O de Alceu Amoroso Lima é de especial interesse: com a nobreza de espírito que o caracterizava, apesar de ter sido atingido por duras críticas de Corção, repetiu com acréscimos tudo o que dissera antes do admirável escritor e durante muitos anos seu companheiro de jornadas no Centro Dom Vital. Falando com a autoridade de escritor, pensador e crítico literário de grande prestígio, que conheceu de perto Gustavo Corção, atuou a seu lado no Centro Dom Vital, com ele participou de embates políticos e religiosos na defesa de nobres causas, com ele entrou em divergências profundas e dele

¹⁶ Cf. notícia com o título “Conselho de Cultura dedica sessão à memória de Corção e a seu espírito polêmico”, in *Jornal do Brasil* de 8/8/1978, 1º Caderno.

¹⁷ Dom Marcos Barbosa (org.), *Encontro Marcado: Gustavo Corção*. Niterói, Gráfica Editora La Cava, 1978, 43 p.

sofreu duras críticas publicadas em jornais e revistas de grande circulação, Alceu Amoroso Lima, no artigo datado de 20/7/1978, com plena consciência da “perda irreparável” da morte de Gustavo Corção, a externou com estas lúcidas palavras:

“Os desencontros possíveis, embora lamentáveis, no decorrer da vida, são acidentais e corrigíveis, quando temos alguma base comum e sólida para os reencontros finais, ainda que sejam depois da morte”.

“De Corção, posso dizer, agora, que nos desencontramos no meio do caminho, sem que, ao menos de minha parte, tenha diminuído em nada a enorme admiração, o profundo respeito e a inabalável estima, que nenhuma barreira de idéias opostas conseguiu destruir ou mesmo afetar, ao longo de nossa convivência e de nosso afastamento. Ele era uma dessas personalidades excepcionais, singulares e complexas, como foi, por exemplo, Jackson de Figueiredo, que só mesmo o convívio pode revelar em todos os seus aparentes antagonismos.”

A redescoberta de Corção

Algumas tentativas foram feitas para tirar Corção do ostracismo a que fora relegado em certos meios, onde o seu nome se tornou quase impronunciável. Uma delas foi a exposição promovida pela Fundação Biblioteca Nacional sob a presidência do escritor Affonso Romano de Sant’Anna, em abril de 1993, para comemorar os 15 anos da morte do escritor. Primorosamente organizada pelo pesquisador, bibliógrafo e bibliófilo Olímpio José Garcia Marques (*1951 - †1995), mereceu registro a 7/4/1993 na coluna de Elizabeth Orsini do *Jornal do Brasil* e na de Isabel Cristina Mauad de *O Globo*, e artigo de Dom Marcos Barbosa no *Jornal do Brasil* de 15/4/1993. Para figurar nessa exposição emprestei dois livros com expressivas dedicatórias dos autores a Gustavo Corção: *Uma Pedra no Meio do Caminho (Antologia – Biografia de um Poema)*, 1965 – “A Gustavo Corção, com admiração antiga e afetuosa, esta pedrinha que teve a honra de figurar em seus ensaios – Carlos Drummond de Andrade”; *Tutaméia*, 1967 – “A Gustavo Corção, com viva simpatia, todo o apreço e a sincera estima do Guimarães Rosa”¹⁸.

¹⁸ O fato está registrado na notícia de Elizabeth Orsini, “A descoberta de um outro Gustavo Corção”, in *Jornal do Brasil* de 7/4/1993. Como o meu saudoso amigo Olímpio Matos, por grave problema de saúde, de que resultou a sua morte, teve de afastar-se do seu posto na Biblioteca Nacional, os exemplares dos dois livros a que me refiro não me foram devolvidos após o encerramento da exposição. Devo informar ainda que, sabendo-me um colecionador de livros autografados, Corção me dera de presente tais exemplares, num gesto de desprendimento muito característico de quem não cultivava vaidades literárias.

Por tudo isto, a releitura dos escritos de Corção se impõe hoje aos críticos que querem reavaliar com isenção a sua obra literária, situando-a no plano estético, e não a depreciando ou desconhecendo a sua existência pelo fato de ter o autor convicções ideológicas, políticas ou religiosas que todos têm o direito de questionar. Essa reavaliação crítica não pode deixar de levar em conta o juízo que sobre Corção emitiram muitas das maiores figuras da literatura brasileira, como Alceu Amoroso Lima, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Nelson Rodrigues, Josué Montello e outros, muitos dos quais discordaram de posições políticas e religiosas do autor de *A Descoberta do Outro*, sem deixar de reconhecer a sua absoluta sinceridade na defesa do que julgava o melhor para o nosso país e para o mundo em que vivemos. Tudo isto constitui matéria para uma reavaliação objetiva e desapaixonada que os historiadores da vida política, cultural e literária devem fazer em relação à presença de Gustavo Corção em nosso cenário cultural. Exemplo magnífico dessa verdadeira atitude crítica – que sabe separar coisas distintas – é o artigo em que o do jornalista Marcos Castro: sendo biógrafo e admirador da linha de pensamento de Dom Helder Câmara, não deixa por isso de tecer altos louvores ao escritor Gustavo Corção, e mesmo de manifestar o desejo de que a editora Agir republique os seus melhores livros.

Contribuem também para a reavaliação crítica aqui proposta a leitura dos depoimentos e análises críticas reunidos no número 38 da revista *Permanência*, de novembro de 1971, assinadas por Andrade Muricy, Ariano Suassuna, Artur César Ferreira Reis, Cassiano Ricardo, Djacir Meneses, Eugênio Gudin, Gilberto Freire, Josué Montello, Luís Delgado, Manuel Bandeira, D. Marcos Barbosa, Mem de Sá, Nelson Rodrigues, Oswald de Andrade e Rachel de Queiroz. Para esse número, organizei uma antologia de Gustavo Corção, evitando os textos mais polêmicos, com a finalidade de favorecer ao leitor comum o conhecimento de páginas de fino labor em língua portuguesa. No depoimento de Oswald de Andrade aí incluído, publicado originalmente na sua coluna “Telefonema” do *Correio da Manhã* de 5/4/1952, portanto na fase final da vida do escritor, que morreu em 1954, se lêem as seguintes palavras: “Não me lembro de em toda a minha vida ter conhecido, entre artistas e literatos, uma figura tão impressionante como a de Gustavo Corção. [...] Nas *Lições de Abismo* como também na *Descoberta do Outro* não vejo concessões / O que vejo é uma extraordinária e lúcida natureza de criador, ou melhor, de restituidor, pois que arte é restituição. Depois de Machado de Assis aparece agora um mestre do romance brasileiro”¹⁹. Igualmente é de consulta obriga-

¹⁹ Por incrível que pareça, e como prova da conspiração de silêncio de que temos falado, este depoimento tão expressivo de Oswald de Andrade, um escritor tão diferente de Corção, movido por outras convicções políticas e religiosas, tem sido sonogado ao conhecimento dos leitores de edições e de ensaios interpretativos do autor de *Os Condenados*, *Memórias Sentimentais de João Miramar* e de algumas das obras mais polêmicas do Modernismo brasileiro.

tória a primorosa antologia de textos de Corção organizada por Paulo Rodrigues, um dos maiores conhecedores da vida e obra do escritor, e publicada pela Agir em 1980, com o título *Conversa em Sol Menor*²⁰.

Outros livros que merecem reedição

É admissível até certo ponto que os responsáveis pela 10ª edição de *A Descoberta do Outro* tenham apressado o relançamento do livro, para aproveitar o fato de numa pesquisa recente realizada em São Paulo ter sido *Lições de Abismo* apontado como uma das 100 mais importantes obras da literatura brasileira no século XX. A prensa explica uma série de falhas e deficiências na nova edição, entre as quais não estar precedida de um estudo mais amplo e profundo sobre Gustavo Corção e a sua obra singular. Nada explica, no entanto, que haja erros nos dados biográficos das orelhas do livro, como o de dar o ano de 1898 (e não 1896) como o do nascimento do autor, e que não exista uma simples nota para explicar os critérios adotados na fixação do texto nela reproduzido. Assim, não se fica sabendo qual das edições anteriores serviu de base para a reprodução do texto. Comparando o que agora se publica com o texto da 3ª edição, de 1947, encontrei várias divergências, e fico sem saber se decorrem de aprimoramento estilístico promovido pelo próprio Corção, de intervenção descabida de um copidesque ou de erros de revisão tipográfica. Aponto alguns exemplos, colhidos aleatoriamente: na página 10 – “fazer a teoria de erros” (na 3ª, “fazer teoria de erros”), “convencidas de que minha vida era um pequeno modelo de virtude” (na 3ª, “convencidas que”), na página 11 – “por causa dos pequenos acontecimentos caseiros” (na 3ª, “de pequenos”), “quadrícula do cosmo” (na 3ª, “cosmos”), “eu ia fumar” (na 3ª, “e ia fumar”), página 61 – “conhecia aquele trecho da rua da Carioca como ninguém. Enumerou as casas de negócio” (na 3ª, “conhecia aquele trecho da rua da Carioca como ninguém. Conhecia-o como a palma de sua mão. Enumerou as casas de negócio”), “caso antigo, sem jeito de conserto” (na 3ª, “caso antigo e sem jeito de conserto”), página 112 – “de uma noite” (na 3ª, “duma noite”), página 113 – “abraçado ao livro” (na 3ª, “abraçado com o livro”), página 114 – “ne nous entraîne pars” (na 3ª, “ne nous entraîne pas”), página 116 – “recomendar a leitura dosada de Chesterton” (na 3ª, “recomendar leitura dosada de Chesterton”). Por sua vez, o jornalista Marcos de Castro, confrontando os textos da 9ª e da 10ª edição, verificou que na página 93 desta última a expressão “Desse ponto de vista” substitui “Sob este ponto de vista”, e na página 106 “Pai-Nosso” tomou o lugar de “Padre-Nosso” (como se dizia até

²⁰ Gustavo Corção, *Conversa em Sol Menor – Memórias Recolhidas*, organização e apresentação de Paulo Rodrigues, capa e bicos-de-pena de Abigail Rodrigues, Rio de Janeiro, Agir / INL, 1980.

1967), modificações que só se poderiam admitir se “o autor tivesse deixado algum exemplar anotando alterações a serem feitas”, o que não parece ter acontecido.

De qualquer forma, como as falhas na reedição de *A Descoberta do Outro* não são numerosas, e não prejudicam substancialmente a leitura do grande livro, e é grande a alegria de vê-lo afinal reeditado, louve-se o esforço de quem cuidou do empreendimento editorial, sabendo-se da crise que dificulta o mercado do livro e dos graves problemas para promover a sua melhor distribuição. Faço votos de que a Agir consiga sem demora pôr ao alcance dos leitores as outras obras de Corção por ela há tanto tempo publicadas, como por exemplo *Três Alqueires e Uma Vaca*, *Fronteiras da Técnica*, *O Desconcerto do Mundo*, *Dois Amores e Duas Cidades*, que figuram sem dúvida alguma na relação do que de melhor se escreveu no Brasil do século passado.